

DOS SILENCIAMENTOS À CONSTRUÇÃO DE RECONHECIMENTOS, CUMPLICIDADES E AUTORIAS DE SI A PARTIR DE UM OLHAR INTERSECCIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aquila Bruno Miranda

Universidade Federal de Minas Gerais
aquilabruno@ymail.com

Cristina Carla Sacramento

Universidade Federal de Ouro Preto
cristina.sacramento@ufop.edu.br

Adelina Malvina Barbosa Nunes

Universidade Federal de Ouro Preto
abn.psi@gmail.com

Ágatha Danielli Liberato Ferreira Anastacio

Universidade Federal de Ouro Preto
agathaliberato.96@gmail.com

Tanielly Rosária Santos Silva

Universidade Federal de Ouro Preto
tanielly.silva@aluno.ufop.edu.br

Ana Carolina da Silva

Universidade Federal de Ouro Preto
ninacarolinadasilva@gmail.com

Resumo

Este relato de experiência apresenta uma ação extensionista desenvolvida, em 2019, entre a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania (SEDESC) de Mariana (MG), junto ao Programa/Serviço Jovem Aprendiz. Nosso objetivo foi mediar reflexões sobre o (re)conhecimento das identidades juvenis marianenses, numa perspectiva interseccional, buscando contribuir para uma formação cidadã crítica da realidade social, a partir das narrativas de autoras/es negras/os. Utilizamos o método de Oficinas em Dinâmicas de Grupo. Como resultados, identificamos uma ausência de escritoras/es negras/os em espaços institucionais, situação suprida por manifestações artísticas literárias, repletas de críticas sociais, que possibilitaram a reflexão sobre os processos de desigualdade social, bem como caminhos para o seu enfrentamento. Concluímos que estas manifestações foram fundamentais para a (re)construção das narrativas a partir das vozes e trajetórias das/dos jovens.

Palavras-chave: Educação. Juventudes Negras. Literatura Negra. Interseccionalidade.

FROM SILENCINGS TO THE RECOGNITIONS, COMPLICITIES AND SELF-AUTHORSHIP: AN EXPERIENTIAL ACCOUNT

Abstract

This experiential account presents an extension action developed in 2019 between the Federal University of Ouro Preto (UFOP) and the Secretariat of Social Development and Citizenship (SEDESC) of Mariana (MG), in collaboration with the Young Apprentice Program/Service. Our aim was to facilitate reflections on the (re)recognition of youth identities in Mariana from an intersectional perspective, seeking to contribute to a critical civic education about social reality through the narratives of black authors. We employed the method of Workshops in Group Dynamics. As a result, we identified an absence of black authors in institutional spaces, a gap filled by literary artistic expressions rich in social critiques, which enabled reflection on processes of social inequality and pathways for addressing them. We conclude that these expressions were fundamental for the (re)construction of narratives based on the voices and trajectories of young people.

Keywords: Education. Black Youth. Black Literature. Intersectionality.

DEL SILENCIO A LA CONSTRUCCIÓN DE RECONOCIMIENTO, COMPLICIDADES Y AUTORÍA DEL YO: UN INFORME DE EXPERIENCIA

Resumen

Este relato de experiencia presenta una acción extensionista desarrollada, en 2019, entre la Universidad Federal de Ouro Preto (UFOP) y la Secretaría de Desarrollo Social y Ciudadanía (SEDESC) de Mariana (MG), junto al Programa/Servicio Joven Aprendiz. Nuestro objetivo fue mediar reflexiones sobre el (re)conocimiento de las identidades juveniles de Mariana (MG), buscando contribuir a una formación ciudadana crítica de la realidad social, a partir de las narrativas de autoras/es negras/os. Utilizamos el método de Dinámica de Grupo. Como resultado, identificamos una ausencia de escritoras negras en los espacios institucionales, situación suministrada por manifestaciones artísticas literarias, cargadas de crítica social, que permitieron reflexionar acerca de los procesos de desigualdad social, así como las formas de enfrentarla. Concluimos que estas manifestaciones fueron fundamentales para la (re)construcción de narrativas a partir de las voces y trayectorias de los jóvenes.

Palabras clave: Educación. Juventud Negra. Literatura Negra. Interseccionalidad.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).

Extensão: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 21, n. 49, p. 98-114, 2024.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta o relato de experiência de um projeto de extensão desenvolvido, no ano 2019, numa parceria entre a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania (SEDESC), da cidade de Mariana, Minas Gerais, junto ao Programa/Serviço Jovem Aprendiz.¹

O projeto de extensão teve como objetivo mediar o processo de reflexão sobre o (re)conhecimento das identidades juvenis marianenses, numa perspectiva interseccional, bem como contribuir para uma formação cidadã crítica da realidade social, a partir das narrativas de autoras/es negras/os. Cabe ressaltar que a nossa equipe foi composta, sobretudo, por mulheres negras (coordenadora, professora, estudantes da graduação e pós-graduação), o que possibilitou o encontro de uma política de escrita forjada por trajetórias negras.

As ações foram realizadas junto a jovens com o seguinte perfil: majoritariamente negras/os, com idade entre 16 e 21 anos, matriculadas/os e frequentes em instituição escolar, com trajetória socioeconômica marcada por vulnerabilidades, de acordo com os critérios do Cadastro Único de Assistência Social/CadÚnico. Considerando o contexto nacional, a maioria das/dos jovens, cadastradas/os no CadÚnico, pertence a famílias que se encontram na faixa de extrema pobreza. Tais famílias são monoparentais femininas, dentre as quais 70,8% se declaram negras/os, com escolaridade básica incompleta, sendo que 66,6% das pessoas não completaram o Ensino Fundamental² (BRASIL, 2014).

Neste trabalho, utilizamos a categoria juventudes, pois compreendemos, como Juarez Dayrell (2003), que o processo de ser/tornar-se jovem não deve ser reduzido a um período de transição, uma vez que esse momento “assume uma importância em si mesma”. Refletir sobre as juventudes é considerar que essa etapa é marcada por questões históricas, culturais e geográficas, bem como pela classe, pelo gênero, pelo pertencimento étnico racial e pela religião. Ainda segundo Juarez Dayrell:

¹Lei 3.228 de 25/06/2018, que altera lei nº 2.605, de 09 de abril de 2012. Institui o serviço de formação profissional para jovens em situação de vulnerabilidade social que estejam cadastrados em programas sociais do Município, com objetivo de prepará-los e encaminhá-los para o mercado de trabalho.

²A Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ampliando o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade, organizando em anos iniciais e finais, respectivamente, fundamental I e II. Porém, na metodologia do estudo (BRASIL, 2014), esse dado não foi apresentado a partir da nova organização.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (JUAREZ DAYRELL, 2003, p. 42).

Salientamos que, ao considerar os múltiplos modos de ser/tonar-se jovem negra/o das camadas populares e as diversas interseccionalidades produzidas a partir dessa experiência, utilizaremos o termo juventudes no plural, para evidenciar as possibilidades de ocupar esse lugar no mundo. Segundo a pesquisadora negra e estadunidense Patrícia Hill Collins (2019), o conceito de interseccionalidade pode ser compreendido como um conjunto de ideias e práticas que considera os eixos da subordinação (classe, gênero, raça, sexualidade, idade, etnia, território e outros) de forma entrecruzada. Por meio dessas articulações é possível reconhecer lugares sociais que produzem opressão, violências e silenciamentos. Para a autora, a construção de um saber-fazer interseccional auxilia na nomeação de lógicas de poder e de hierarquias que produzem lugares de subalternidades para a população negra.

Segundo Crenshaw (1993), o conceito de interseccionalidade é acionado para (...) denotar as várias maneiras pelas quais raça e gênero interagem para moldar as múltiplas dimensões das experiências de empregação das mulheres negras (...) muitas das experiências que as mulheres negras enfrentam não são classificadas dentro das fronteiras tradicionais da raça ou discriminação de gênero (...) a intersecção do racismo e do sexismo afeta as vidas das mulheres negras de maneiras que não podem ser capturadas completamente examinando as dimensões de raça ou gênero dessas experiências separadamente.

Ao mapear os discursos teóricos latino-americanos sobre a experiência que marca as identidades juvenis, na transição entre os séculos XX e XXI, Rosangela Barbiani (2007), analisando as produções de pesquisadores da Argentina, Chile, México, Colômbia e Brasil, observou que tais estudos têm se caracterizado por explorar as dinâmicas culturais, os desafios econômicos, as questões de educação e a participação política, sendo esta última marcada por pluralidades não somente entre os países, como também internamente a cada nação. O que corrobora com a perspectiva na qual o trabalho se desenvolveu, considerando a experiência juvenil diversa atravessada pelas condições racial, de classe e de gênero.

Para tanto, por meio da metodologia de Oficinas de dinâmica de grupo (AFONSO, 2006), foram realizados seis encontros com as/os jovens, nos quais buscamos facilitar reflexões sobre o processo de construção de identidades a partir de uma perspectiva interseccional, além de situá-las/los na historicidade do município. Partimos da premissa de que os marcadores sociais da

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

diferença incidem nas trajetórias subjetivas, escolares e profissionais da população negra, denunciando desigualdades.

Em um mundo marcado pela exclusão das camadas empobrecidas, predominantemente negras, as narrativas desses sujeitos correm o risco de serem, frequentemente, silenciadas. Ao aludir ao questionamento feito por Spivak (1995), "Pode o subalterno falar?", Nodaris (2020) e Grada Kilomba (2019) estabelecem um diálogo que busca compreender não a capacidade ou incapacidade do sujeito negro falar, mas o alcance dessa voz e a visibilidade desse corpo na sociedade. Para a autora Kilomba,

Tal posição de objetificação que comumente ocupamos, esse lugar da “Outridade” não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade negra. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós (KILOMBA, 2019, p.51).

Inicialmente, privilegiamos o letramento literário, que, de acordo com Barbosa (2011, p. 148), é “a condição daquele que não apenas é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético”. Para tanto, o letramento literário requer que se propicie o contato dos sujeitos com as mais diversas obras, possibilitando, principalmente, a oportunidade de manifestarem as relações que são estabelecidas entre as narrativas e suas vivências. Nesse sentido, compartilhamos da seguinte perspectiva de Silva:

E nossa inquietação se faz no questionamento: até quando? Até quando não teremos mulheres falando sobre mulheres ou sobre quaisquer outros assuntos abordados pelos livros didáticos? Até quando nossas referências literárias serão masculinas e majoritariamente brancas? Até quando não teremos exemplos de escritoras, mais especificamente, de escritoras negras em nossas atividades escolares? Até quando nossas alunas não se sentirão representadas na literatura escolar e até quando nossas alunas negras se sentirão menos representadas ainda? (SILVA, 2019, p. 27).

Como todas/os as/os jovens aprendizes participantes do projeto estavam vinculadas/os a alguma instituição escolar, nossa iniciativa surgiu também como um complemento ao trabalho desenvolvido nas escolas, o qual, por várias vezes, é ligado exclusivamente ao conteúdo presente nos seus livros didáticos. Percebemos, também, a necessidade de problematizar as obras a serem trabalhadas, de modo que não sejam contemplados apenas os *clássicos*, tendo em vista o quanto amplo e diverso é o universo literário. Percebemos a necessidade de flexibilizar a ideia engessada do que vem a ser literatura, por meio da utilização em suas mais variadas expressões (em destaque

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

neste trabalho o Zine e Letras de música), e o fato de que podem mobilizar pensamentos, críticas, impulsionamento, revolta e acalanto, somando na formação intelectual e humana dos indivíduos.

No projeto com as/os jovens foram apresentadas expressões artísticas e literárias como instrumentos de análise crítica da representatividade e do (re)conhecimento identitário. Nesse panorama, as análises dos marcadores de raça, gênero e classe se fizeram inevitáveis, fosse por sua presença, fosse por sua ausência nas obras por nós utilizadas. Essa ausência é tensionada por Silva (2019, p. 28) quando afirma que:

Sabemos que “a literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares” (EVARISTO, 2009, p. 27), e que, em razão disso, a ideia de representação do corpo negro, a ideia positiva de representação do corpo negro, é dificultada em nível extremo. Pouco se fala da negritude na escola sem que o tom seja depreciativo e comumente associado à imagem da escravidão; menos ainda se ouve a voz negra falar.

Nessa perspectiva, a seleção das obras artísticas e literárias privilegiou autoras/es negras/os Marianenses, de forma a promover reflexões que dialogassem com o contexto das/dos jovens, bem como facilitar espaços para construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si.

A síntese desse processo está organizada em forma de Relato de Experiência - RE, modalidade de produção científica própria de vivência acadêmica ou profissional, que neste caso tem o caráter extensionista³. De forma essencialmente descritiva, o RE, segundo Mussi, Flores e Almeida, (2021, p.71), apresenta dupla relevância para o campo, sendo estas “para discentes- ao compreender fenômenos de possibilidades interventivas da área e amadurecer academicamente, e para os profissionais - ao ter acesso a propostas que podem contribuir na ação laboral”. De modo que apresentamos neste primeiro momento, o percurso metodológico inicial da ação, contemplando tanto o levantamento de obras literárias em instituições Marianenses, tendo em vista autoras/es negras/os, quanto os questionamentos orientados pelas categorias de raça, gênero e classe que nos levaram a ampliar o escopo do trabalho, incluindo outras produções artísticas nas oficinas realizadas com as/os jovens.

No segundo momento, enfatizamos a metodologia da Oficina de Dinâmica de Grupo,

³O relato de experiência aqui apresentado restringe-se às vivências das extensionistas, seus sentimentos, suas percepções e observações no desenvolvimento de projeto de extensão, sem a menção das(os) participantes no texto, seja por meio da transcrição de falas ou apresentação de imagens. Esta escolha considera a Resolução nº 510/2016, que em seu Artigo 1º estabelece que procedimentos metodológicos que envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis, são dispensados de registro e avaliação pelo sistema Comitê de Ética em Pesquisa CEP/CONEP, nas situações em que o intuito da ação é “exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização.”(BRASIL, 2016, s/n).

discorrendo, resumidamente, sobre cada Oficina realizada, em diálogo com referenciais que auxiliam na reflexão sobre os elementos mobilizados nos encontros. Descrevemos, ainda, como essa experiência extensionista foi vivenciada pelas estudantes integrantes da equipe do projeto. Finalmente, são estabelecidas algumas considerações, observando as contribuições das produções artísticas e literárias no processo de uma formação cidadã crítica, por meio de seus substratos histórico, político, afetivo e antirracista.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a condução da proposta extensionista, foi realizado, inicialmente, um levantamento de escritoras/es marianenses negras/os, junto à Academia Marianense de Letras e à Biblioteca Municipal Benjamim Lemos de Mariana, a fim de elaborar um banco de dados sobre a produção literária local. Essa escolha se justificou pela possibilidade de garantir o contato das/dos jovens com as narrativas negras para mediar o processo de (re)construção de pertencimento à identidade racial e reconhecimento das suas narrativas.

Ao final do levantamento, foram localizadas e catalogadas seis obras de autoras/es que nasceram em Mariana e 12 obras de escritoras/es que nasceram em outra região e/ou estado, mas que durante algum momento de sua vida, residiram na cidade.

As obras produzidas por escritores/as marianenses encontradas nesses acervos são: *Coletânea do Malta*, de Waldemar de Jesus Malta; *Meus poemas*, de João Rodrigues Teixeira; *Totem*, de Arlindo Diorio; *Anjos radios*, de Israel Quirino; *O sorriso da cigana*, de Luciano Guimarães Pereira; e *Dias da Infância*, de Zulmira de Queiroz Breiner. Já as obras produzidas por escritores/as que residiram na cidade são as seguintes: *Na boca do balão* e *Histórias de João e João*, de Maria Magdalena Lana Gastelois; *Bateia Lírica*, de J. S. Ferreira; *Crônicas e contos de escritoras marianenses*, de Andreia Donadon, Hebe Rola e Magna Campos; *Essências e medulas, Zoo Maluco, Apesar das nuvens e Lírios Possíveis*, de Gabriel Bicalho; *Cenário noturno*, de Andreia Donadon; *Germinais aldravias e Nas sendas de Bashô*, de Gabriel Bicalho, Andreia Donadon, José Donadon, J. S. Ferreira; e *João-sem-braço*, de José Donadon.

No levantamento das/dos autoras/es de obras locais, identificamos, por meio de heteroidentificação⁴ de fotos presentes nos livros, que estas/es são majoritariamente brancas/os,

⁴A heteroidentificação é definida como a leitura social realizada por terceiros em relação a um sujeito. De acordo com Sales (2022, p. 200) “A forma que eu me vejo está relacionada com a autodeclaração, mas a maneira que os outros me enxergam é exterior a minha identidade, subjetividade, experiência vivida.” Ao mesmo tempo, o procedimento de heteroidentificação serve como complemento à autodeclaração étnico-racial para confirmar a condição de pessoa negra (preta ou parda), conforme estabelecido na Resolução CONUN/UEMG nº 475, de 01 de dezembro de 2020.

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

o que tornou possível questionar a sub-representação e as ausências, respectivamente, dos corpos, trajetórias e saberes da população negra na biblioteca municipal e na Academia Marianense de Letras e nas instituições de ensino. Esses elementos reverberaram em narrativas que não dialogavam com as vivências das/dos jovens aprendizes, principalmente no que tange aos aspectos relacionados aos lugares de privilégio que ocupavam nos espaços sociais da cidade de Mariana.

Diante da ausências de autoras/es negras/os e suas narrativas, retomamos a questão apresentada por Spivak (1995) e vimos como necessário convocar, a partir de diferentes expressões do conhecimento, outros modos de produção literária das juventudes negras e periféricas marianenses com os quais aqueles/as jovens tivessem mais afinidade: sarau, tal qual os que aconteciam no centro da cidade por iniciativa de jovens marianenses e/ou universitárias/os, e canções produzidas por cantoras/es negras/os da cidade.

A partir do momento em que reconhecemos a literatura como uma importante aliada na formação humana de qualquer indivíduo, promover a aproximação e a afinidade com esse tipo de expressão artística tende a ser um forte instrumento no modo como o indivíduo lida com a realidade social na qual está inserido. A sensibilidade para com o texto escrito, declamado, performatizado ou cantado pode ser usada como ferramenta para a interpretação do que lhe ocorre (ou do que já ocorreu) ao mesmo tempo em que lhe facilita a propagação de sua opinião e de sua subjetividade nos momentos em que deseja se expressar.

Quando falamos sobre a formação e preparação para o trabalho, enquanto finalidade do Programa Jovem Aprendiz, é incontestável que a destreza em ler e interpretar o contexto, a desenvoltura e agilidade em se comunicar (oralmente ou por escrito) e a formação de um referencial literário pessoal são características valiosas para o desenvolvimento de diversas profissões atualmente. Partindo desse entendimento e da realidade constatada nos acervos pesquisados, consideramos relevante ampliar o escopo da literatura negra para outras produções artístico culturais, em diálogo com raça, gênero e classe.

RESULTADOS E ANÁLISES

OFICINA EM DINÂMICA DE GRUPO E IDENTIDADES NEGRAS: POR METODOLOGIAS EXTENSIONISTAS COMPROMETIDAS COM A LUTA ANTIRRACISTA

Diante da necessidade de conhecer as narrativas e trajetórias das/dos jovens aprendizes, foram realizadas seis oficinas (Tabela 1) no período de outubro a dezembro de 2019. Lúcia Afonso (2002) sugere que a Oficina seja organizada em três etapas: 1) Etapa inicial, na qual as/os mediadoras/es preparam as/os participantes para as atividades que serão desenvolvidas, trata-se da etapa do aquecimento e pode ocorrer por meio de um relaxamento, brincadeiras, dinâmicas, conversas etc.; 2) Etapa intermediária, em que as/os participantes são convidados/as a refletir sobre o tema-gerador; e 3) Etapa de sistematização e avaliação do trabalho do dia, que consiste na última fase da Oficina, quando os/as participantes têm a oportunidade de avaliar as atividades que foram desenvolvidas e, ao mesmo tempo, refletir sobre as dinâmicas e relações construídas individualmente e/ou pelo coletivo. Considerando esta perspectiva, as Oficinas foram elaboradas, coletivamente, pelas extensionistas e coordenadoras do projeto, buscando atender às demandas das/os próprias/os jovens aprendizes, à medida em que elas surgiam nos encontros quinzenais.

Embora o planejamento dos encontros possa ser pensado previamente, possibilitando uma visão ampliada da proposta, o que poderá trazer certa rigidez para a dinâmica e atividades desenvolvidas junto ao grupo, no projeto realizado, optou-se pelo planejamento passo a passo, o que garantiu um processo mais flexível.

A seguir, serão apresentados breves relatos dessas atividades em articulação com os conceitos teóricos que fundamentaram as intervenções.

Tabela 1 - Síntese das Oficinas realizadas durante a vigência do projeto

OFICINAS	TEMA	OBJETIVO	NÚMERO DE PARTICIPANTES	MÊS
1º	Apresentação do projeto: conhecendo e reconhecendo.	Relacionar a literatura à temática racial.	23	Outubro

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

2º	O que sua autodeclaração determina no seu meio.	Provocar reflexões acerca de situações vividas por pessoas negras que podem perpassar a vivência das/dos jovens.	21	Outubro
3º	Quem chega lá? Meritocracia e racismo no Brasil	Mostrar os impactos da falácia da meritocracia.	11	Outubro
4º	Universidade e meritocracia: quem entra e quem fica?	Discutir sobre meritocracia a partir do audiovisual.	8	Novembro
5º	Literatura e corpo negro.	Debater o conceito de raça a partir de literaturas insurgentes marijanenses.	6	Novembro
6º	O amor e o corpo negro.	Acolhimento e afeto na perspectiva racial.	6	Dezembro

Fonte: elaborado pelas autoras.

COMPARTILHANDO NOSSAS ANDANÇAS JUNTO ÀS/AOS JOVENS APRENDIZES: FORJANDO CAMINHOS COLETIVOS PARA ROMPER COM AS “MÁSCARAS DE SILENCIAMENTO”

Em concatenação com os relatos das oficinas, propusemos uma reflexão sobre a potência desses espaços para que as juventudes negras possam construir novas narrativas acerca das suas identidades e histórias de vida. Consideramos, portanto, a perspectiva de Gomes (2002, p. 39) que define identidade como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

No primeiro encontro, muitas/os jovens aprendizes, ali presentes, avaliaram a importância da experiência de serem realmente ouvidas/os com interesse e de maneira respeitosa. Ao falar sobre as histórias e os livros de literatura que lhes eram apresentados, na escola, as mediadoras guiaram a conversa no sentido de propor uma reflexão sobre a presença (ou ausência) de personagens negras/os nas narrativas. Por último, foi apresentada a composição musical “Gorila”⁵, do artista negro e marijanense Wandrey Pablo. Envolvido com a arte musical desde a infância, Wandrey é um jovem negro — 25 anos, na época — nascido e criado na cidade de Mariana, em um bairro periférico chamado Santo Antônio. As/Os participantes foram convidadas/os, juntamente às mediadoras, a refletirem sobre a letra e identificar elementos que marcam a trajetória de uma/um jovem negra/o.

⁵ Para conhecer a composição, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=soNQOLnt7W8>.

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

Uma vez introduzida a temática racial relacionada ao campo artístico, reconheceu-se a demanda em trabalhar com literaturas insurgentes que dialogassem, de fato, com as juventudes negras marijanenses. Para isso, a segunda oficina contou com a participação do já mencionado cantor e compositor Wandrey Pablo. Por meio de composições que denunciam o racismo presente na sociedade e, principalmente, exaltam a beleza da população negra, o artista cantou e conversou com as/os participantes sobre sua trajetória profissional e pessoal.

Durante o debate, buscamos mobilizar reflexões que possibilitassem o diálogo sobre sentimentos de não pertencimento a alguns ambientes, como escolas, espaços públicos de lazer, supermercados e a própria universidade. Desconfortos com relação a lugares específicos demarcam, por sua vez, uma estrutura hierárquica na sociedade pautada na discriminação racial (SILVA JUNIOR; MAYORGA, 2022). É necessário reconhecer que, por se tratar de um conceito relacional e histórico, a raça, ao mesmo tempo em que exclui o indivíduo negro, cria um sistema de poder que privilegia o grupo racial branco e facilita sua ascensão social, colocando-o como parte de um sistema de poder maior denominado branquitude. Essa organização da sociedade é criada e garantida quando, à medida que crescemos em uma sociedade estruturalmente racista (ALMEIDA, 2018), somos cercados por objetos e circunstâncias que atribuem valor exclusivamente ao indivíduo branco.

Nesse sentido, o terceiro encontro consistiu na realização de uma dinâmica e a posterior explicação sobre o que significa meritocracia, na qual as mediadoras explicaram a falácia desse conceito a partir de exemplos práticos do cotidiano. Intimamente relacionada ao racismo estrutural, a falácia da democracia racial se sustenta principalmente através do discurso meritocrático. Nas palavras de Almeida (2018, p. 63):

[...] a soma do racismo histórico e da meritocracia permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos. [...] Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial, mesmo nos sistemas de ensino públicos e universalizados, o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral, associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade e heterossexualidade e cisnatividade.

Após a realização de reflexões, junto aos jovens, sobre a complexa temática da meritocracia, desenvolveu-se, no quarto encontro do projeto, uma sessão de cinema comentado. Nessa oficina, foi exibido o filme *Que horas ela volta?* (2015), da diretora Anna Muylaert e, ao fim da mostra, foram mobilizadas reflexões críticas em relação às temáticas de cunho racial, de gênero e de classe.

No quinto encontro, foi realizado um sarau literário denominado “Literatura e corpo

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

negro”. O primeiro momento dessa oficina propôs uma atividade escrita. Depois de apresentar uma visão geral sobre os quilombos e os quilombolas, foi apresentado, em um telão, o seguinte enunciado: “Hoje vou falar de mim, contar um pouco da minha história... vou começar pelo meu quilombo...”. A proposta consistia em estimular a criatividade das/dos jovens através da construção de textos livres e, para isso, em uma folha de papel, as/os participantes tinham que escrever como elas/eles achavam que a história deveria continuar. A atividade constituiu numa atmosfera de identificação com a obra e entre as/os jovens participantes, a expressão subjetiva indireta das próprias expectativas. Assim que essa etapa foi concluída, iniciou-se propriamente o sarau literário. O intuito da atividade era promover um momento de leitura e reflexão acerca das temáticas sociais abordadas pelos textos. A sala contou com um varal em que foram dispostos diversos poemas de autoras/es Marianenses, compostos majoritariamente por rimas do Zine “Invasores Gerais”, produzido pelo Sarau Invasor. Feitos geralmente de forma artesanal e independente, os zines são alternativas encontradas por poetas e escritores para fazer circular as suas poesias e, consequentemente, atingir mais pessoas, ou melhor, fazer ecoar sua voz mais longe (COSTA, 2021). Ainda segundo a autora,

No dia 14 de janeiro de 2019, o Sarau Invasor completou dois anos de existência e, para a comemoração, produziu pequenas tiragens de um zines, feitos de forma artesanal e independente, geralmente, os zines são alternativas encontradas por poetas e escritores para fazer circular as suas poesias e, consequentemente, atingir mais pessoas, ou melhor, fazer ecoar sua voz mais longe (COSTA, 2021, p. 81).

Ao ler e analisar os poemas selecionados, as/os jovens, em duplas, foram convidadas(os) a construir uma apresentação para as demais pessoas presentes, que poderiam assistir e, posteriormente, comentar.

Finalizado o sarau, deu-se início a um curto debate que possibilitou reflexões acerca dos temas trabalhados pelas/os autoras/es Marianenses nos poemas. Essa foi, também, uma oportunidade para que as/os jovens compartilhassem os sentimentos, impressões e inseguranças que surgiram antes, durante e após as apresentações. Para além disso, foi consensual entre as extensionistas a percepção de que essa atividade permitiu a expressão de sentimentos através da fala e do corpo como um todo, o que mobilizou um potente espaço de trocas de experiências sobre o famigerado “ser mulher negra”.

Nesse ponto, faz-se necessário um debate acerca das trajetórias das mulheres negras e o quanto essas são permeadas pela solidão (OLIVEIRA; SANTOS, 2018). Para a pensadora e ativista estadunidense Bell Hooks (1994), ao longo de suas vidas, mulheres negras sofrem com a privação do amor em várias esferas, vivendo uma escassez tão dolorosa que raramente é

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

mencionada por essas mulheres. Ao longo de seus estudos, Hooks (2010) estabelece uma discussão que mostra que a opressão e a exploração histórica que afetou corpos negros distorcem e até mesmo impedem a capacidade de amar. A população negra, hostilizada e violentada pelo racismo, tem seu corpo perpassado, nas esferas física e psicológica, por esta ideologia, desde cedo, refletindo na presença de sentimentos de inferioridade. Nas palavras da autora,

Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (Hooks, 1994, s/p).

Em virtude disso, as vivências das pessoas negras, no geral, e das mulheres negras, em particular, são permeadas pela solidão. Torna-se importante compreender, portanto, que essa carência vai muito além de relacionamentos amorosos, pois se desdobra nas esferas familiar, escolar, acadêmica e de amizade. Além disso, as mulheres negras se sentem muitas vezes solitárias por não se verem representadas na mídia e nos livros de literatura e, mesmo quando isso é feito, é adotada uma perspectiva de sexualização desses corpos. Considerando esses elementos, a sexta e última oficina do ano foi pensada e elaborada nesse sentido.

Com o intuito de promover um encontro que acolhesse a necessidade do auto amor defendido por Hooks, foi exibido o clipe "Musa", também produzido pelo artista Wandrey Pablo, já conhecido pelas/os integrantes do grupo, do qual destacamos o seguinte trecho da música: “Como o do próprio sol é seu brilho / Poesia é seu corpo / Mais linda que um lírio / Rosto e cabelo: perfeita harmonia” (Pablo, 2019).⁶

O clipe, representado por diversas e singulares mulheres negras de Mariana, ressignifica, através da letra, a maneira como estas são retratadas pela mídia, estabelecendo um claro respeito e admiração em cada verso da canção. Juntamente à letra, que associa o corpo e o cabelo dessas mulheres à poesia e os têm como sinônimos de inspiração, o vídeo traz diversas performances artísticas no intuito de positivar a existência desses corpos.

Essa oficina, em particular, contou exclusivamente com a presença de jovens aprendizes do gênero feminino, e a exibição do clipe teve por intuito um trabalho de referenciação positiva quanto ao processo de autoidentificação estética dessas jovens em relação aos aspectos presentes na obra audiovisual elencada, como a própria corporeidade, cabelos, lábios e demais traços negróides. Em seu texto “Vivendo de amor”, Hooks (1994) traz uma reflexão acerca do quanto importante é a substituição da crítica negativa pelo reconhecimento positivo. Para ela, a afirmação

⁶ Para conhecer a composição, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=_VJ6_pblwpI.

é o primeiro passo para o cultivo do amor interior.

Na parte final da oficina, houve a exibição do documentário *Te amo, preta* (2018), produzido por Amanda dos Santos Francisco, Jahi Amani, Kelly Sousa e Marcos Fileto, que apresenta entrevistas de jovens negras universitárias. Uma experiência que buscamos conectar as vivências de auto amor e aceitação em outras etapas da vida das mulheres negras, apontando as possibilidades de ressignificação das identidades negras e os caminhos que ainda estão em construção também no ensino superior, parte do que nos trouxe até aqui e nos implicou neste projeto. Afinal, na sociedade em que vivemos, pensamentos vinculados ao passado de violência e objetificação da mulher preta ainda reverberam.

Criamos um ambiente confortável e seguro como condição fundamental para facilitar que as vivências violentas do racismo pudessem ser expressadas e logo acolhidas no contexto das intervenções e trabalhadas, por intermédio das obras visuais e literárias insurgentes da cidade de Mariana. Sabemos que a construção de nossas narrativas depende tanto de trocas (visto que vivemos em sociedade) quanto da possibilidade de externar aquilo que reconhecemos enquanto intrínseco em nossas histórias de vida. Para isso, as oficinas, rodas de conversa, sessões de cinema e sarau com temas que nos são tão caros foram essenciais no desenvolvimento de interpretações críticas, afetivas e identitárias.

Às extensionistas, estudantes negras da graduação, o projeto proporcionou uma série de processos construtivos atrelados ao crescimento acadêmico e pessoal. Na esfera acadêmica, o grupo de estudos⁷ possibilitou que essas integrantes tivessem acesso a textos e discussões de autoras/es negras/os, auxiliando na formação de um letramento racial crítico. Para além disso, as apresentações de trabalho, elaboração e mediação de oficinas, criação de recursos didáticos e escrita de trabalhos acadêmicos permitiram o desenvolvimento de habilidades necessárias à formação universitária.

Na esfera pessoal, por sua vez, foi possível uma identificação com as outras integrantes do projeto, em sua maioria mulheres negras. Isso consistiu em um acolhimento e suporte emocional necessário para a permanência das extensionistas na Universidade, um ambiente marcado pela hegemonia da branquitude, sistema que privilegia o sujeito branco em detrimento do negro e promove apagamentos sistemáticos. Daí a importância de criação de espaços como esse, capazes de promover pertencimento, valorização da cultura negra e formação intelectual para a educação das relações raciais.

⁷Em 2019, a equipe proponente do projeto criou o Grupo de Estudos “Raça, Literatura e Subjetividade”, vinculado a um Grupo de Pesquisa da UFOP, cujo objetivo foi qualificar tanto o debate relacionado às questões de raça, gênero e classe, quanto as ações das estudantes junto às/-aos jovens, nas Oficinas realizadas.

Além disso, a experiência relatada evidencia a potencialidade e, ao mesmo tempo, a urgência de tecermos práticas extensionistas a partir de um fazer-saber interseccional, pois, como aponta Bell Hooks (2019), construir práticas pautadas na interseccionalidade é politizar as vivências de pessoas não-brancas em diálogo com as consequências estruturais e as interações entre os marcadores sociais de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar experiências resultantes da realização de um projeto de extensão, que utilizou a literatura e outras expressões artísticas como ferramenta no desenvolvimento de pertencimento racial e compreensão crítica da realidade social. Para tanto, adotou como sujeitos do projeto jovens negras/os com trajetória de vulnerabilidade social. A capacidade da equipe em articular, a partir de uma perspectiva interseccional, as categorias de análise, raça, gênero e classe, com as questões trazidas pelas/os jovens foram fundamentais para direcionar as escolhas metodológicas e os recursos mobilizados. As dificuldades em encontrar escritoras/res negras/negros marianenses, no acervo pesquisado, evidenciou que os saberes da população afrobrasileira permanecem excluídos dos espaços institucionais, o que pode ter relação tanto com as condições de vida dessa população quanto com expressões do que são consideradas linguagens literárias legítimas – dimensões que podem ser mais profundamente investigadas por outros trabalhos.

A produção literária e outras linguagens artísticas localizadas às margens das instituições na cidade, bem como a atitude de acolhimento dos interesses dos/das jovens (músicas, filmes), foram fundamentais, no processo de facilitação das reflexões acerca das identidades de raça, gênero e das condições de vida. Aspectos, que ao serem abordados, mostraram-se capazes de contribuir para uma formação crítica, produzir sentimentos de pertencimento e fomentar a construção de planos de futuro das/dos “Jovens Aprendizes”.

A rede não formal, que nos permitiu encontrar as literaturas negras elaborada por escritoras/es de Mariana, revelou a necessidade da proteção do direito à valorização e difusão da cultura negra na cidade por parte dos gestores públicos. Processos de exclusão e invisibilização demandam a adoção de políticas que interrompam esses ciclos. Nesse cenário, as políticas de ações afirmativas têm se mostrado um instrumento jurídico capaz de garantir a restituição de direitos.

Desse modo, compreendemos que, por meio das expressões artísticas e literárias, podemos elaborar diversas intervenções educativas capazes de promover discussões profundas e

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

reverberar nas dimensões subjetiva e social, tratando com a mesma importância os aspectos afetivos, interpessoais e a estrutura social na qual estamos inseridas/os. É necessário que a/o jovem fale de tudo o que a/o circunda, de tudo o que a/o incomoda, de tudo o que a/o engrandece; é necessário que a representação de negras/os, brancas/os e indígenas sejam problematizadas durante o trato com obras literárias, que as vozes femininas sejam efetivamente ouvidas e que os corpos negros sejam positivamente representados, seja na condição de personagem ou de autoria, seja na forma de reparação simbólica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (PROEX) pelo apoio à ação realizada, por meio da viabilização de uma bolsa de extensão. Agradecemos a Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania (SEDESC), vinculada à Prefeitura Municipal de Mariana pela parceria realizada, que possibilitou a participação das/dos jovens aprendizes na ação. Também agradecemos a referência técnica Mariana Tornelli de Almeida Cunha, que nos auxiliou nas mediações junto a SEDESC.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Lúcia. **Oficinas em dinâmica de grupo:** um método de intervenção psicossocial. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 171. 2007.
- ALMEIDA, Sílvio. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento. 2018.
- BARBIANI, Rosangela. Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude(s): Textos & Contextos (Porto Alegre), [S. l.], v. 6, n. 1, p. 138–153, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1051>. Acesso em: 7 maio. 2024.
- BARBOSA, Begma Tavares. Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167 mar-ago. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/34893291/LETRAMENTO_LITER%C3%A1RIO_SOBRE_A_FORMA%C3%A7%C3%A3O_ESCOLAR_DO_LEITOR_JOVEM. Acesso em: 05 jun. 2023.
- BARBOSA, Begma Tavares. **Orientações curriculares para o ensino médio.** Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Vol. 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) Secretaria Nacional de Renda de Cidadania (SENARC). **Perfil das pessoas e famílias no Cadastro Único do**

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

Governo Federal 2013. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/cadastro unico/perfil cadastrounico 2013.pdf>. Acesso em 15/12/2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Mikaela Gabriele Elias da. **Saraus e literatura periférica** [manuscrito]: rasgando cânones, rasurando epistemologias. / Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. - 125 f - Mariana. 2021.

CRENSHAW, Kimberle. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. 1993. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A3ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>. Acesso em: 30 mar. 2023.

DAYRELL, J.. (2003). O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira De Educação**, v. 24, p. 40–52. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 9, p. 38-47. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912/14702>. Acesso em: 22 abr. 2022.

GUIDA, Fernanda. Entre música e literatura: uma abordagem intermidiática. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 32, p. 242-256, fev. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/25188/21033>. Acesso em: 06 jul. 2021.

HOOKS, BELL. **Vivendo de Amor.** Portal Geledés. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 06 jul. 2021.

HOOKS, BELL. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 6 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 176. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, p.244. 2019.

LINO, Tayane ; CASTRO, Ricardo. Dias ; MAYORGA, Claudia . DESOBEDIÊNCIAS EPISTÊMICAS: propostas feministas e antirracistas em direção a um projeto de ciência e sociedade decolonial. **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, v. 2, p. 209-226. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/11954>. Acesso em: 06 jul. 2021. Acesso em 05 de jun.2023.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes & ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.** Revista Práxis Educacional, 17(48), p. 60-77. 2021. Disponível em:

Dos silenciamentos à construção de reconhecimentos, cumplicidades e autorias de si a partir de um olhar interseccional: um relato de experiência

<https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 06 jul. 2021.

NODARIS, Sousa J. P de. A discussão do colonialismo partindo da língua portuguesa. **Rev. Estud. Fem.** [Internet]; 28(3). 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n368044>. Acesso em: 05 de jun.2023.

OLIVEIRA, Ilzver de Matos; SANTOS, Nayara Cristina Santana. SOLIDÃO TEM COR? UMA ANÁLISE SOBRE A AFETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS. **Revista Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 7, n. 2, 20 out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4463>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SALES, Mábia Aline Freitas. Heteroidentificação: uma política afirmativa. In: GEVEHR, Daniel Luciano (org.). **Raça, etnia e gênero: questões do tempo presente**. Guarujá-SP: Científica Digital, 2022, p. 197-206. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/books/978-65-5360-059-1.pdf>. Acesso em: 9 maio 2024.

SILVA, Ana Carolina da. **Gênero em Quarto de Despejo**: a literatura marginal como instrumento didático. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 144 f - Mariana. 2019.

SILVA JUNIOR, P. R. ; MAYORGA, Claudia. Jovem Nem Nem: Questionamentos a partir de Pesquisas sobre Juventude e Experiências de Jovens Pobres. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 22, p. 645-665. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/68641/42651>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TE AMO, PRETA. Documentário. Youtube, 27 de março de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n5SbUiH26rY>. Acesso em: 7 maio 2024.

Recebido em: 06/09/2023

Aceito em: 12/07/2024